

O LUGAR DO ACONTECIMENTO EM INVESTIGAÇÕES NAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS EM SAÚDE

THE ROLE OF THE EVENT IN RESEARCH WITHIN THE SOCIAL AND HUMAN SCIENCES IN HEALTHCARE

EL PAPEL DEL EVENTO EN LA INVESTIGACIÓN EN LAS CIENCIAS SOCIALES Y HUMANAS EN LA SALUD

Emília Biato

É professora associada da Universidade de Brasília (UnB), docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Odontologia, do Programa de Pós-Graduação em Educação/Modalidade Profissional e do Departamento de Odontologia. Possui graduação em Odontologia pela Universidade Federal Fluminense (1999), mestrado em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (2003) e Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso (2015). Atualmente, está em processo de pós doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra - PT (ago/23 a jan/25).

Sílvia Portugal

Doutorada em Sociologia pela Universidade de Coimbra. Professora Auxiliar da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC). Investigadora do Centro de Estudos Sociais (CES). Seu trabalho de investigação utilizou a teoria das redes para discutir as relações entre sistemas formais e informais de produção de bem-estar. Neste âmbito, tem pesquisado sobre a importância da família no sistema de protecção social português, dando especial destaque ao papel das mulheres. Os seus interesses de investigação e pesquisas mais recentes centram-se nas temáticas da deficiência e da doença mental.

RESUMO

Parte-se do reconhecimento do valor do mirante interdisciplinar das Ciências Sociais e Humanas em Saúde, no estabelecimento de pesquisas na área e na composição do conhecimento sobre os processos saúde-doença-cuidado. Sugere-se a hipótese de que o acontecimento se apresenta como elemento caro às pesquisas neste contexto, pois se afigura um contributo potente para a composição de um conhecimento que considera e valoriza a dimensão relacional das experiências subjetivas, como é o caso dos objetos de estudo nessa área. Nesse sentido, este ensaio teórico toma a noção de acontecimento conforme a leitura que fazemos da obra de Jacques Derrida e de outros autores que ampliam e, simultaneamente, aprofundam a abordagem deste conceito. Com esse pressuposto, propõe-se a abordá-la na relação com o caminho (método) de pesquisas que articulam o tema da saúde com as ciências sociais e humanas, e o faz a partir de três tópicos — simultâneos ou complementares — quais sejam: Compósitos investigativos, Turbulências na produção de conhecimento e Gestos performativos.

Palavras-chave: Acontecimento, Pesquisa Qualitativa em Saúde, Cuidado em saúde, Conhecimento, Criação

ABSTRACT

The study begins by recognizing the value of an interdisciplinary perspective from the Social and Human Sciences in Health, both in establishing research in the field and in contribution to the understanding of the health-disease-care processes. The hypothesis suggests that the event emerges as an important element for research in this context, as it provides a powerful element to the construction of knowledge that values and considers the relational dimension of subjective experiences, which are central to the study objects in this field. This theoretical essay adopts the notion of event as interpreted through Jacques Derrida's work and other authors who expand and deepen this concept. With this premise, it seeks to relate this notion to the research path (method) that connects health to the social and human sciences, focusing on three simultaneous or complementary topics: Investigative Composites, Turbulence in Knowledge Production, and Performative Gestures.

Keywords: Event, Qualitative Health Research, Healthcare, Knowledge, Creation

RESUMEN

El estudio comienza reconociendo el valor de una perspectiva interdisciplinaria de las Ciencias Sociales y Humanas en la Salud, tanto en el establecimiento de investigaciones en el campo como en la contribución a la comprensión de los procesos salud-enfermedad-cuidado. La hipótesis sugiere que el evento surge como un elemento importante para la investigación en este contexto, ya que proporciona un potente recurso para la construcción del conocimiento que valora y considera la dimensión relacional de las experiencias subjetivas, las cuales son centrales en los objetos de estudio de este campo. Este ensayo teórico adopta la noción de evento tal como es interpretada a través de la obra de Jacques Derrida y otros autores que expanden y profundizan este concepto. Con esta premisa, se busca relacionar esta noción con el camino de investigación (método) que conecta la salud con las ciencias sociales y humanas, enfocándose en tres temas simultáneos o complementarios: Compuestos Investigativos, Turbulencia en la Producción del Conocimiento y Gestos Performativos.

Palabras clave: Evento, Investigación Cualitativa en Salud, Atención en Salud, Conocimiento, Creación

INTRODUÇÃO

Parte-se do reconhecimento do valor do mirante interdisciplinar das Ciências Sociais e Humanas em Saúde, no estabelecimento de pesquisas na área a na composição do conhecimento sobre os processos saúde-doença-cuidado.

Castellanos et al (2014) afirmam que as Ciências Sociais servem ao pensamento crítico à epistemologia tradicional da saúde e às decorrentes práticas de diagnóstico e conduta clínica e em saúde coletiva. Esta interface contribui para a busca da produção de uma forma de conhecimento que oportunize a superação de explicações massificadas e generalizantes acerca da saúde e da vida das pessoas. Há, portanto, uma aposta na compreensão desses fenômenos a partir de uma intercessão de saberes, com a assunção da necessidade de um campo que transcenda as barreiras de cada área. Que seja, portanto, potente para compor um modo de olhar para as experiências ligadas aos processos de saúde-doença-cuidado “através do conhecimento do mundo da vida” (Portugal, 2021, p. 78).

Torna-se necessário tomar o tema da saúde através da composição de um caleidoscópio, para que se possa fazer frente aos processos de produção científica que, em nome do rigor necessário ao reconhecimento de sua qualidade, terminam por desprezar elementos fundamentais que só podem ser conhecidos por uma composição de olhares.

É nesse sentido que Feyerabend (2011) afirma a impossibilidade de desvincular a produção científica das “condições cambiantes da História” (p.20) — que incluem saberes já existentes e usados de diferentes formas —, bem como as transformações em andamento ou o que podemos chamar de porvir ou *o que vem* (Derrida & Roudinesco, 2004). Trata-se, portanto, de perceber que a Ciência opera com imprevistos e, justamente aí, está a sua beleza e utilidade: a lida com o imprevisto ou o imprevisível nos aproxima da noção de *acontecimento* em Jacques Derrida (2012), conforme veremos adiante.

Mesmo com o cuidado de não cair em generalizações, é possível afirmar que há, incluído no trabalho de cientistas, um ímpeto para evitar que

as instabilidades dos movimentos históricos, culturais e sociais tenham influência direta na produção do conhecimento científico, numa tentativa de controlar o que vem — como se o controle fosse a chave para, efetivamente, conhecer. É nesse esforço que, artificialmente, se criam as condições consideradas ideais à pesquisa em questão: estabilizam-se variáveis para permitir determinado foco de estudo; estabelecem-se passos rígidos; cumprem-se fielmente as medidas que reduzem os riscos de viés, entre outras. Não há problema na tomada dessas medidas. Ao contrário: há um grande valor nos resultados que são assim encontrados. A crítica que se levanta aqui é em relação à pretensão de realizar desvelamentos de dados, à falta de reconhecimento de que as manobras feitas são, também influenciadoras de resultados, à afirmação de que é possível acessar fatos/verdades/absolutos e à baixa porosidade aos imprevistos/acontecimentos na pesquisa.

Em busca de argumentos para destacar a possibilidade e a necessidade de realizarmos pesquisas disponíveis ao acontecimento, entendemos que a afirmação de que “a ciência não conhece, de modo algum, fatos nus”, de Feyerabend (2011, p. 33), corrobora e ressoa a frase derridiana “la chose même se dérobe toujours” (Derrida, 1967, p. 117), que nos chega como “a coisa mesma sempre escapa”. Parece haver, aqui, um convite ao reconhecimento da impossibilidade de acessar os *fatos nus* ou *a coisa mesma*, seja qual for o objeto do conhecimento. Especificamente, as Ciências da Saúde se põem a estudar processos ambíguos, cheios de subjetividades e caóticos. A desconsideração dessas características pode ter efeitos limitadores da produção de conhecimento na área, com expressão nas nossas pesquisas e modos de compor a atenção à saúde da população.

Cuida-se, portanto, de reconhecer a importância desse modo de olhar para os fenômenos da saúde e para a produção de seu conhecimento, tendo por premissa uma postura menos pretensiosa do ponto de vista do saber científico e, assim, não se querer dogmático.

Como metáfora do percurso dogmático da Ciência, a figura mitológica de Ariadne é tomada por Descartes como responsável por propor *O caminho*

de fuga de Teseu. Dessa perspectiva, o fio se apresenta como a única possibilidade de escapatória do herói. Já a Ariadne, conforme vista aos olhos de Nietzsche, é criadora de caminhos, de perspectivas, de múltiplos mirantes para o foco do mesmo fenômeno, das coisas, dos valores. As trilhas são diversas, assim como os métodos (caminhos) são diversos (Monteiro & Biato, 2008).

Ao se tomar o percurso da pesquisa com esta outra perspectiva, o processo de conhecer passa a se assemelhar mais com gestos de criação do que com movimentos de descoberta. E, ao tomar para si a frase de Dioniso “eu sou teu labirinto”, Ariadne parece nos ensinar que o que está em questão é a vivência do percurso e o conhecimento produzido com ele, muito mais do que apenas a chegada a um resultado final, com o estabelecimento de uma resposta unívoca (Monteiro & Biato, 2008). O caminho é, ele mesmo, potente de pensamentos. Trata-se de tentar enxergar um “horizonte estético dilatador da experiência” do pesquisador (Aquino et al, 2018, p. 2).

Com base nessa imagem do labirinto e na potência de suas ambiguidades, pode-se indagar acerca da investigação científica em Ciências Sociais e Humanas em Saúde: há um caminho certo para o desenvolvimento da pesquisa ou trata-se de entrar no labirinto e ganhar fôlego para percorrer os caminhos que se fazem ali? Que lições a Ariadne criadora de caminhos pode oferecer para a pesquisa qualitativa em saúde? Como garantir o rigor necessário à produção científica e, simultaneamente, não enrijecer o pensamento, mas atentar-se ao caminho, ao considerar que, ele mesmo, é potente para oferecer oportunidade de produção de conhecimento?

Levantamos a hipótese de que a noção derridiana de acontecimento (Derrida, 2012) pode contribuir para este debate acerca dos caminhos de pesquisa na interface das Ciências Sociais e Humanas em Saúde.

Em linhas gerais, o acontecimento pode ser entendido como *aquilo que vem* e, portanto, aquilo que se encontra à margem da possibilidade de controle. A alteridade, por exemplo, é um limite ao controle exercido pelo eu e, assim, faz frente ao desejo pelo calculável (Derrida, 2012; Derrida & Roudinesco,

2004). No caso da produção de conhecimento em questão — na interface das Ciências Sociais e Humanas em Saúde —, o encontro com o/a outro/a (participante da pesquisa ou um determinado grupo) é emblemático desse limite do controle exercido pela/o pesquisador/a. O dirigir-se ao/à outro/a no processo de pesquisa já simboliza uma afirmação do acontecimento, pois exige uma abertura de espaço à alteridade. Este gesto de dirigir-se ao/à outro/a pode funcionar como um modo de dizer que sim e exercer uma certa hospitalidade ao que vem, pois o/a outro/a é sempre a fronteira do que alguém pode controlar e tem potencial para fazer surgir o inusitado. Opera, portanto, como acontecimento, como nota-se na afirmação:

O acontecimento é também o que vem, o que chega...Há um “sim” ao acontecimento ou ao outro, ou ao acontecimento como outro ou vindo do outro, no qual se pode perguntar-se se justamente isso se diz, se esse “sim” se diz ou não (Derrida, 2012, p. 233).

Piero Eyben, tradutor desse texto de Derrida (2012), assinala que o filósofo propõe construções retóricas acerca da noção de acontecimento. Explica que o autor, ao utilizar a expressão “*ce qui arrive*”, aponta para “o que ocorre”, “o que acontece”. No entanto, a preferência por manter tradução “o que chega” se dá por outros elementos, igualmente importantes na argumentação, como o verbo *arriver* (chegar) – e sua substantivação, por *arrivant* – que confere o grau de surpresa, eventualidade, acontecimento ao acontecimento¹.

Sugere-se a hipótese de que o acontecimento se apresenta como elemento caro às pesquisas nas Ciências Sociais e Humanas em Saúde, pois se afigura um contributo potente para a composição de um conhecimento que considera e valoriza “a dimensão relacional das experiências subjetivas” (Portugal, 2021, p. 78), como é o caso dos objetos de estudo nessa área.

¹ cf. N. de T. em Derrida, 2012

Nesse sentido, este ensaio teórico toma a noção de acontecimento conforme a leitura que fazemos da obra de Jacques Derrida e de outros autores que ampliam e, simultaneamente, aprofundam a abordagem deste conceito. Com esse pressuposto, propõe-se a abordá-la na relação com o caminho (método) de pesquisas que articulam o tema da saúde com as ciências sociais e humanas, e o faz a partir de três tópicos — simultâneos ou complementares — quais sejam: Compósitos investigativos, Turbulências na produção de conhecimento e Gestos performativos.

TÓPICO 1: COMPÓSITOS INVESTIGATIVOS

Em primeiro lugar, a noção de acontecimento se apresenta como alternativa, como maneira de enfrentar — ou, ao menos, criticar — a “vontade de verdade” (Nietzsche, 2005, p. 8). Com esta expressão, trata-se de reconhecer que, em nossos estudos, há menos fatos e mais modos de conhecer, vias a trilhar, mirantes de onde observar.

No aforismo *Origem do conhecimento*, Nietzsche (2001) afirma que

somente muito depois, apareceu a verdade, como a mais fraca forma de conhecimento. Parecia que não éramos capazes de viver com ela, que nosso organismo estava ajustado para o oposto dela (p.137).

Nosso organismo parece ajustado para levantar questões ao que se toma por verdadeiro, na busca por vias de fuga ao que se estabeleceu como cientificismo. Por cientificismo, entende-se o

estabelecimento de objetos duros, de perguntas diretas e objetivas, e a certeza baseada em explicações cientificamente

corretas, evidentes e eficazes. Essa lógica deixa de lado um conjunto de variáveis e de modos de ver — perspectivas, traduções, invenções, sonhos — uma vez que as estabiliza, recorta, simplifica, em nome do rigor científico (Biato, 2022, p. 308).

Ao tecermos essa crítica ao cientificismo, por tratar o conhecimento científico como se fosse capaz de dar *a* resposta certa aos fenômenos, com neutralidade e isenção em relação aos valores sócio-culturais e saberes historicamente compostos, assumimos que não há pureza na composição de saberes científicos. Com este pressuposto, podemos lidar com a Ciência de modo menos dogmático e mais adequado às possibilidades de nossas investigações.

Importa, neste contexto — e, especialmente no momento histórico que vivemos, de desvalorização dos saberes científicos —, que defendamos a Ciência e que saibamos que é “em nome dela, que é preciso ser vigilantes contra o cientificismo” (Derrida & Roudinesco, 2004, p. 64), pois consideramos que este opera com níveis baixos de crítica e autocrítica, com processos fixados e herméticos, pouco porosos às variações e exuberâncias de que se compõe o vivido e do que se pode tomar por objeto de estudo.

Em contribuição à crítica ao cientificismo, Annemarie Mol (2016) aborda o método de pesquisa a partir da inusitada imagem de *clafoutis*. A apresentação dos aspectos e das dinâmicas que envolvem a sobremesa à base de leite, ovos e frutas serve a uma instigante problematização da tarefa de realizar uma composição científica num ambiente de tensões e mudanças, como o que experimentamos. No caso da sobremesa, trata-se de combinar fatores históricos, agrícolas, técnicos, ideias, formas de culinária, práticas de nutrição, entre outros tantos. No caso da produção científica, semelhantemente, importa combinar variantes e maneiras inéditas de olhar para os mesmos fenômenos. Tanto a sobremesa quanto a produção científica se compõem de elementos diversos e nem sempre plenamente fiéis à receita ou ao projeto original, fato

que não impede os diferentes compósitos — com outras frutas, recursos diferentes, origens variadas — de serem, mesmo assim, chamados de *clafoutis* e, tampouco os estudos, de serem considerados científicos.

A proposta da autora soa mesmo provocadora e impulsionadora para que as/os pesquisadoras/es, se percebam legitimadas/os a desenvolver processos criadores, conforme também notamos no comentário de Gérard Lébrun 1983 (p. 35):

A impotência da vontade de criar originou a vontade de Verdade. Em vez de criarem um mundo conforme seus votos, os homens — religiosos, depois metafísicos, depois científicos — preferiram imaginar um consolador mundo verdadeiro.

A busca pela vontade de verdade costuma nos colocar em uma posição mais segura, consoladora e confortável, enquanto a visão de um compósito que se efetiva das formas mais diversas, sem deixar de sê-lo, nos posiciona em uma zona de instabilidade, mas também de potência. Trata-se de compreender que o saber científico não ocorre despregado do que vem, das atribuições de valor e do papel da/o pesquisador/a de “criar conforme seus votos” (idem).

Mais uma vez com Nietzsche, esses aspectos ganham importância: a noção de que “existe apenas uma visão perspectiva, apenas um conhecer perspectivo” (Nietzsche, 2009, p. 177) pode abrir novas frentes à discussão sobre a concepção de Ciência, ao reconhecermos que, em vez de haver fatos e verdades, lidamos com diferentes perspectivas acerca do que acontece. Podemos resistir aos determinismos da máquina científica (Derrida & Roudinesco, 2004, 2004): se, por um lado, ela funciona como dispositivo de cálculo, por outro, podemos insistir em acessar o não maquinal na produção científica:

precisamos encontrar, aí, uma abertura ao incalculável, àquilo que caracteriza o acontecimento (idem).

Um acontecimento em saúde parece exigir um “procedimento de perspectivar” que, inevitavelmente se baseia na vida mesma (Corazza, 2013, p. 153), pois é preciso pensar

até onde vai o caráter perspectivista da existência, ou mesmo se ela tem algum outro caráter, se uma existência sem interpretação, sem ‘sentido’ [*Sinn*], não vem a ser justamente ‘absurda’ [*Unsinn*], se, por outro lado, toda a existência não é essencialmente interpretativa (Nietzsche, 2001, p. 278).

Encontramos um exemplo de um “procedimento de perspectivar” no estudo de Souza e Biato (2023), que aborda o uso de práticas de leitura e escritura durante uma disciplina de Saúde Bucal Coletiva, do currículo de Odontologia. As autoras tomam textos produzidos pelas/os estudantes como material de investigação e atuam em coautoria: consideram a escritura dos/as participantes da pesquisa como textos completos e lançam mão da noção derridiana de suplemento², para participarem, os extrapolarem, analisarem, criarem novos sentidos.

Nesse sentido, no lugar de pretenderem encontrar as marcas (a precisão) do que foi dito — ou o que o/a participante queria dizer —, as autoras trabalharam nas margens (imprecisões, transbordamentos), assumindo a partilha do que foi escrito, das ficções e interpretações.

² Suplemento é um termo usado por Derrida (2001) para dizer de uma plenitude — como um texto completo, por exemplo — que se enriquece de outro pleno — a produção do leitor que atua como escritor, ao mesmo tempo. Estabelece-se, portanto, um transbordamento (p.15).

TÓPICO 2: TURBULÊNCIAS NA PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

A abertura ao acontecimento na pesquisa nos leva à constatação de que esta se dá em meio a turbulências, conforme argumenta John Law (2004):

minha argumentação é de que os métodos acadêmicos de investigação realmente não captam essas nuances (objetos difusos, complexos, até bagunçados). Então, quais são as texturas que eles estão deixando de fora? (p.2)

Se considerarmos, com Law, que os acontecimentos são turbulentos e desconcertantes e que os objetos de estudo têm uma ocorrência, um movimento, uma bagunça, necessitamos, justamente, de métodos correspondentes, capazes de não deixar importantes elementos, texturas e nuances de fora.

Neste contexto, parece fazer sentido a afirmação nietzschiana de que “é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante” (Nietzsche, 2011, p. 19). Interessa, portanto, reconhecer que, especialmente quando são abordados os processos de saúde-doença-cuidado, é preciso buscar alternativas a vias de pesquisa que se limitam a compreender a saúde a partir de aspectos como frequência estatística e normas, e ganhar coragem para manejar o que Caponi (2009) apresenta como uma “saúde sem ideia, presente e opaca” (p. 64), como tema que requer uma linguagem um tanto imprecisa e que se abra a múltiplos significados.

Há acontecimentos muito impactantes na vida das pessoas, mas escondidos aos olhos distraídos e ainda, completamente apagados para as pretensas verdades de determinadas evidências científicas. É nesse sentido que “é preciso ter o caos dentro de si” (Nietzsche), captar “objetos bagunçados” (LAW, 2004) e perceber minúcias que são, de fato, tão grandes quanto a própria vida em foco nas nossas pesquisas.

Deleuze e Guattari (1992) propõem que a produção de conhecimento se faça com base em três caóides: ciência, arte e filosofia: “o caos tem três filhas segundo o plano que o recorta: são as Caóides, a arte, a ciência e a filosofia, como formas do pensamento ou da criação” (Deleuze & Guattari, 1992, p. 267). Assim, nossa pesquisa parece querer se espalhar por este plano caóide aberto ao conhecimento. De acordo com Corazza (2013), a filosofia dá forma ao conceito, cria personagens conceituais; a arte traz a força da sensação, as figuras estéticas, aquilo que nos afeta; e a ciência, com o seu plano de referência ou de coordenação, dá função ao conhecimento, estabelece observadores potentes e reconhecidamente parciais.

É claro que estes três planos podem se deslizar um sobre o outro e, suas funções podem se misturar, para que as múltiplas linguagens componham um “dinamismo criador”, capaz de perceber menos o que está dado e mais o que está a ser constituído; capaz de notar gestos, ações, não-ditos, afazeres, “configurações por vir” (Corazza, 2013, p. 37).

Parece-nos claro o valor de fazer frente à busca por controle pleno e ao interesse estrito no calculável das pesquisas, bem como à vontade de verdade (Nietzsche) e à tendência homogeneizadora do saber acadêmico (Law, 2004). Percebemos, portanto, a importância da dimensão caótica e bagunçada a respeito do que se tem como objeto de pesquisa e que exige que se tome, em correspondência, como método. A esta constatação, acresce-se a ponderação de Gastaldo (2021) acerca do que é considerado como rigor no texto acadêmico e da necessária “congruência epistemológica” (p.77). A autora trabalha com uma definição de rigor que rejeita a origem da palavra, com significado ligado a rigidez ou “fetichismo metodológico ou metodolatria” (p.78), tratando-o como

prática consistente de examinar e documentar a fundamentação teórica, o propósito da pesquisa, as circunstâncias contextuais e as técnicas utilizadas para gerar e analisar dados, de modo que outros possam entender e criticar o processo e o conhecimento produzido (Gastaldo, 2021, p. 79).

Com esta premissa, afirma que usa, adapta e cria métodos científicos com a intenção de produzir conhecimento novo, apta a “desafiar e criticar discursos dominantes e excludentes” (p. 79) e, para tanto, lança mão do rigor teórico-metodológico, de acordo com a perspectiva adotada. Concluimos, portanto, que importa que a pesquisa esteja disponível ao acontecimento e, neste percurso, seus/suas realizadores/as encontrarão turbulências, que também podemos entender como simultaneidades: o caos e o rigor metodológico e epistemológico. Se, por um lado, assumimos o caos como necessário ao processo de pesquisar o acontecimento, por outro lado, também assumimos o valor de nos mantermos *cientistas*, para, de forma crítica, aprofundarmos as referências e oferecermos sustentação e clareza ao estudo, sem, contudo, pretender alguma neutralidade.

O capítulo de Lemos, Biato e Barsaglini (2021), expressa o caráter turbulento do acontecimento em pesquisa. São levantados dados qualitativos junto a homens e mulheres em tratamento hemodialítico, a partir de um roteiro temático semiestruturado para entrevistas conduzidas no domicílio dos/as participantes. Embora já houvesse algumas hipóteses e uma preparação vasta e adequada, o processo de escuta e convívio levantou estruturas temáticas e categorias inesperadas.

Tanto o gesto de pesquisar quanto a problemática em questão se envolveram em sentimentos turbulentos: a relação entre corpo e máquina de hemodiálise se mostrou cheia de tensões e ambiguidades. Este acontecimento levou as autoras a levantarem muitos questionamentos e a buscarem leituras acerca de como compor novas formas de pensar as ambiguidades do pós-humano e, mais especificamente, como redefinir/ressignificar a interface do adoecido renal com a máquina, de forma a afirmar a vida, mesmo no contexto da ciborguização.

Neste contexto, foram abertas discussões inusitadas e potentes acerca das tradicionais dicotomias mente/corpo, organismo/máquina, natureza/cultura e suas implicações materiais e simbólicas.

Diante das turbulências esperadas em pesquisas-acontecimentos — como esta citada como exemplo —, parece necessário que se opte por não as silenciar nem forjar hermetismos, mas assumi-las de forma consistente e sustentar a coabitação de linguagens e pensamentos, ainda que sejam bagunçados.

Neste sentido, como aponta Creswell (2014), espera-se que os relatos de estudos qualitativos funcionem esteticamente, em correspondência com a riqueza (e caos) dos dados produzidos: o uso de “práticas analíticas criativas abre o texto e convida a respostas interpretativas (ao mesmo tempo que) demonstra uma perspectiva social profundamente fundamentada” (p. 202).

Interessa conviver com as simultaneidades/turbulências nas pesquisas qualitativas acerca do processo saúde-doença-cuidado, a partir da busca por garantir uma base epistemológica segura em associação com a definição clara do método, em seus passos e percursos. Espera-se estabelecer, assim, o lugar epistemológico de onde se olha para o fenômeno estudado, sem, contudo, pretender ter alguma neutralidade, e fazer isso, justamente, em abertura ao caos.

TÓPICO 3: GESTOS PERFORMATIVOS

No segmento da impossibilidade de neutralidade do/a pesquisador/a e da persistência na turbulência das simultaneidades entre caos e rigor epistemológico, abrimos o tópico sobre a performatividade do/a pesquisador/a, para discutir mais essa característica do acontecimento nos estudos que articulam as Ciências Sociais e Humanas com a Saúde.

A obra *Otobiographies*³, de Jacques Derrida (2009) resulta de uma conferência apresentada pelo filósofo na Universidade de Virginia, em 1976, por ocasião do bicentenário da Declaração de Independência. O filósofo pergunta “quién firma, y con qué nombre supuestamente propio, el acto declarativo que funda una institución?” (p.13). E, neste contexto, trata do caráter performativo de uma assinatura. Por um lado, a assinatura é feita com um

³ Aqui, utilizamos a obra traduzida para o espanhol.

nome “supostamente próprio”, a criação de um personagem ou simplesmente o conjunto de que se compõe o assinante no momento da assinatura. Esta noção nos aponta para a compreensão de que, tanto quem participa da pesquisa, quanto quem investiga, estão em devir, em movimentos de tornar-se nunca completos e assinam com seus supostos nomes. Neste sentido, operamos — tendo o material investigado em mãos — com simulacros e não com absolutos, conforme notamos na afirmação: “las interpretaciones no serán lecturas hermenéuticas o exegéticas, sino intervenciones performativas en la reescritura...” (p. 76). Diante do material que se busca investigar, as leituras funcionam como intervenções performativas, como reescritura ou coautoria do texto e de sua destinação.

Barsaglini e Biato (2019) discutem o processo de comunicação estabelecido entre pessoas privadas de liberdade e a equipe de saúde da instituição penitenciária. As autoras utilizam a imagem dos bilhetes como emblemática das dificuldades de se estabelecerem processos de comunicação e, por conseguinte, de adequada oferta de atenção à saúde daquela população. Os/as profissionais de saúde tomam em mãos pedaços de objetos, papéis rasgados, isopor da marmita, entre outros materiais, com partes de textos, que podem ser nomes de pessoas, nomes de doenças, pedidos e mais pedidos, envios, enfim. A noção de envio, em Derrida (2007), envolve, necessariamente, a possibilidade do desvio, o que, naquele caso, se fazia frequentemente.

Ao tomar este estudo por referência, queremos destacar o caráter performativo de quem assina um bilhete (mesmo que este não venha, necessariamente, assinado), mas também de quem o recebe e lê, interpreta, para destinar o cuidado necessário.

Ainda um outro estudo de Biato (2021) aborda o contato do/a profissional de saúde com uma queixa, uma cefaleia, por exemplo. Assim, de forma constativa, afirma-se que a cefaleia tem causas diversas e características específicas como latejante ou difusa ou... Os sintomas contribuem com a definição de diagnóstico e terapêutica. Trata-se de uma leitura constativa, no entanto, parece ser preciso, de antemão,

reconhecer que a leitura constativa desse texto-queixa narrado pelo paciente, é uma leitura de concessão. Para tornar possível a aproximação com a vida do outro, listamos nomes de sinais e sintomas, embora reconheçamos a impossibilidade do real e a impossibilidade de sabermos exatamente o que o outro sente. Nesse sentido, a leitura constativa (mesmo artificializada por um gesto nosso de concessão) precisa se associar a uma leitura performativa, que se constitui por um dizer operativo: cria significâncias, como quem costura um novo texto sobre o tecido estirado do texto original (p. 141).

De forma semelhante ao exercício feito pelo/as profissionais de saúde num e noutro estudo, o/a pesquisador/a se move no sentido de, artificialmente, se aproximar do que o Outro diz, escreve, pergunta, relata, narra. Podemos considerar que há um tanto de ação constativa, ainda que esta seja produzida artificialmente para permitir algum tipo de aproximação, mas haverá, necessariamente, um trabalho performativo, tanto por parte do/a participante quanto do/a pesquisador/a. Este ponto é muito importante: por um lado, quem participa da pesquisa cria seus personagens, ao escolher o que será mostrado, suas ficções. Por outro lado, quem investiga cria seus modos de ler e perceber, a partir da experiência em campo, a partir de pressupostos teóricos assumidos, a partir de axiomas, critérios e valores constituídos durante a pesquisa.

É neste sentido que se requer, do/a pesquisador/a, que tenha sensibilidade ao campo, que perceba e acolha suas características e considere os quadros de referências apresentados por quem participa do estudo; que seja ainda atento/a e permeável ao andamento da pesquisa, sem perder de vista os objetivos e nem mesmo os referenciais epistemológicos e metodológicos.

No espaço da pesquisa, portanto, o/a pesquisador/a se reveste da tarefa de inaugurar um ou mais sentidos originais para aquilo que se investiga, num movimento inventivo, com status de surpresa.

Parece operar neste sentido a tese de Derrida na palestra proferida a University of Cornell, em 1984, intitulada *Invention of the truth*. O filósofo afirma que a desconstrução tem a função de levantar questões aos pensamentos tradicionais. Uma delas trata das ações de invenção, capazes de fundar alguma coisa pela primeira vez: “inventam-se ficções, inovações epistêmicas, fábulas, técnicas”. Considera, na sua fala, que a invenção significa invenção da verdade, em um sentido mais amplo, como produção de conhecimento, e não de desvelamento.

A dissertação de Joana Alves (2016) produziu conhecimento novo, tendo, como objeto de investigação, modelos e relações de cuidado de tipo permanente, cotidiano e de longa duração. Partiu da premissa de que o cuidado ocorre nas relações e, portanto, importa olhar para os modos como estas ocorrem. Ao frequentar o cenário do estudo em contexto, a pesquisadora se viu diante da necessidade de se preparar com leituras sobre o conceito de cuidado, de compor um olhar como em caleidoscópio (atores envolvidos, representações, contextos, fundamentos teórico-metodológicos) e de tomar a casa — e, absolutamente tudo que a permeava — como fonte de informação. Registrou as rotinas, o cotidiano, as vozes dos participantes, pequenos gestos e grandes estruturas. Em tudo isso, assumiu seu lugar, seu olhar de pesquisadora, sua própria voz, seus limites e suas emoções.

O texto se apresenta com as características requeridas em termos de rigor científico na forma, nas bases epistemológicas e no modelo analítico. O que chama a atenção é que, em meio a tudo isso, a pesquisadora comparece no texto produzido e se mostra sensível e aberta ao imprevisível, à dimensão acontecimental do seu campo de estudo, o que parece ser o que justamente lhe concedeu riqueza e beleza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a noção de acontecimento, conforme a leitura que fizemos da noção de acontecimento em Derrida, em articulação com noções propostas por outros autores, pode ser instigante para pensarmos sobre as nossas

pesquisas em Ciências Sociais e Humanas em Saúde. Vimos que o acontecimento, tomado como *o que vem*, abre caminho para um processo criador por parte de pesquisadores/as, que passam a propor diferentes receitas para torná-las relevantes compósitos, como as de *clafoutis*.

Ainda, notamos que há um elemento caótico no acontecimento, que pressupõe instabilidades e certa perda de controle. É necessário garantir os rigores científicos a partir de perspectivas bem detalhadas e claras, tanto do ponto de vista epistemológico, quanto do ponto de vista metodológico, tendo em vista a congruência necessária à produção científica.

Ao final e em continuidade à constatação da impossibilidade de que o/a pesquisador/a seja neutro/a, importa, sim, assinar a pesquisa, definir o mirante de onde se investiga naquele tempo/espaço da pesquisa, do campo e do/a pesquisador/a, em gestos performativos, e não apenas constativos.

Destaca-se o valor da pesquisa ser efetiva para “fazer advir o que não estava ainda ali” (Derrida, 2012, p. 240). É neste sentido que pesquisar o acontecimento se configura como gesto em direção à criação de movimentos, ao exercício da capacidade de deixar em aberto, em resistência ao desejo por pleno controle; à consolidação de saberes constituídos, com explicitação clara dos passos seguidos; ao desbravamento de vias novas, ainda que labirínticas, o que se efetiva na proposição de modos inusitados e adequados de usar/aplicar métodos de pesquisa.

Em tudo isso, nosso papel como pesquisadores/as sobre saúde-doença-cuidado parece ser menos o de determinar ou aplicar *o caminho* da pesquisa e mais o de criar, aqui e ali, vias de fuga para constituirmos saberes ampliados e próximos às necessidades da população. Em última instância, a noção de acontecimento nos leva a tomar nosso papel de pesquisadores/as como aqueles/as capazes de deixar vir e sensíveis à beleza e à aridez do que vem.

Este trabalho foi apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) [números de bolsas 425838/2018-8, 2023]; Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal [bolsa número 35/2024 - FAPDF/PRES/GAB] e UnB (Cátedra UNESCO de Educação à Distância).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, J. **Cuidar e ser cuidado**: uma análise do cuidado cotidiano, permanente e de longa duração, 2016. Tese de Doutorado em Sociologia, Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

AQUINO, Julio Groppa; CORAZZA, Sandra Mara; ADO, Máximo Daniel Lamela. Por alguma poética na docência: a didática como criação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 34, p. 1-18, jan. 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100108&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 16 maio 2020.

BARSAGLINI, R.A.; BIATO, E.CL. Bilhetes/bereus como agenciamento para comunicar necessidades de saúde em penitenciária, Mato Grosso. In: MACHADO, Marcos William Kaspchak. **Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas 5** [e-book]. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019 – (Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 5) DOI 10.22533/at.ed.65719110317.

BIATO, Emília C. L. A-traduzir o arquivo da docência em aula: novas vias para o pensamento científico. In: AQUINO, Júlio G.; CARVALHO, Cláudia R.; ZORDAN, Paola (Orgs.) **Sandramaracorazza**: obra, vidas etc. Porto Alegre: UFRGS/Rede Escrileituras, 2022.

CAPONI, Sandra. A saúde como abertura ao risco. In: CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de. **Promoção da saúde**: conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2009. p. 80 -112.

CASTELLANOS, M.; LOYOLA, M.; IRIART, J. Ciências sociais em saúde coletiva. In: Paim, J.; Almeida-Filho, N. **Saúde Coletiva**: teoria e prática. Rio de Janeiro: MedBook, 2014. p. 567-584.

CORAZZA, Sandra M. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS, 2013.

CRESWELL, John. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Trad. Sandra Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Penso. Edição para Kindle, 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto

Muñoz. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. **La voix et le phénomène**. Introduction au problème du signe dans la phénoménologie de Husserl. Paris: PUF/Quadrige, 1967.

DERRIDA, Jacques. **Invention of the truth**. University of Cornell, 1984, <https://ecommons.cornell.edu/items/7c8a4441-87c2-43bb-922f-28334029086f>.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. **De que amanhã: diálogo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

DERRIDA, Jacques. **O cartão postal: de Sócrates a Freud e além**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

DERRIDA, Jacques. **Otobiografias**. La enseñanza de Nietzsche y la política del nombre propio. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

DERRIDA, Jacques. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento. **Revista Cerrados**, v. 21, n. 33, p. 229-251, jan. /jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/in-dex.php/cerrados/article/view/26148>. Acesso em 23 fev. 2020.

FEYRABEND, P. **Contra o método**. 2ª ed. São Paulo: Unesp, 2011.

LAW, J. **After method**. New York: Taylor & Francis e-Library, 2004.

LAW, J. Modes of Knowing: Resources from the Baroque. In: LAW, J. **Modes of knowing**. Resources from the Baroque. Manchester: Mattering press, 2016.

LÉBRUN, Gérard. Para que ler Nietzsche, hoje? In: LÉBRUN, Gérard. **Passeios ao léu**. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 32-40.

LEMO, P.; BIATO, E.C.L.; BARSAGLINI, R.A. (Con)fusões de fronteiras na experiência de pessoas em hemodiálise. BARSAGLINI, R.A.; PORTUGAL, S.; MELO, L. (Orgs.) **Experiência, saúde, cronicidade: um olhar socioantropológico**. Rio de Janeiro: Editora Fio-cruz / Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021, p. 315-334.

MOL, Annemarie. Clafoutis as a composite: on hanging together felicitously. In: LAW, J. **Modes of knowing**. Resources from the Baroque. Manchester: Mattering press, 2016.

MONTEIRO, Silas B.; BIATO, Emília C. L. Uma avaliação crítica acerca de método e suas noções. **Revista de educação pública**. v. 17, n. 34, p.255-271, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PORTUGAL, S. Para uma leitura da experiência de adoecimento crônico: contributos de três paradigmas da teoria social. In: BARSAGLINI, R.A.; PORTUGAL, S.; MELO, L. (Orgs.) **Experiência, saúde, cronicidade: um olhar socioantropológico**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021, p. 63-83.

SOUZA, L.C.; BIATO, E.C.L. As traduções do conceito de saúde nos processos de aprendizagem e as escrituras na formação em saúde. **Revista Signos**. UNIVATES v. 44 n. 2, 2023. <https://doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v44i2a2023.3504>.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral**. Uma polêmica. Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das letras, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Trad. Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.